

2. Do coq au vin ao bacalhau com todos – ser estudante universitária entre maio de 68 e abril de 74

Isabel Pires de Lima

Este texto com o presente título e idêntico parágrafo final foi escrito, quase *ipsis verbis*, em maio de 1995, para assinalar a passagem dos 25 anos da criação do primeiro curso de Filologia Românica na FLUP. Aqui fica como um testemunho de uma vivência estudantil nos 50 anos de vida da FLUP.

Era uma canseira ser estudante universitária nessa época! Uma canseira gostosa, todavia... E esse sabor bom não é apenas sentido "a posteriori", decorrendo tão só de, em qualquer circunstância, ser bom ter 20 anos. É um sabor que nascia da certeza que tínhamos - não preciso lembrar que só tínhamos certezas - de que tudo ou quase tudo estava errado, mas que iríamos, com os cabelos longos, os "jeans" recém-descobertos e as cartilhas revolucionárias várias debaixo do braço, mudar o mundo, mais que o mundo, a própria vida. Esse conceito vago e amplo que nos galvanizava - a Revolução - era para ser concretizado amanhã. Quer os seus mentores fossem Marx, Cristo ou Mao, esse era o sopro dos dias.

Chegar à Universidade no ano letivo de 1969-70, como foi o meu caso, significou, portanto, chegar depois dos Maiores de 68, o francês e o nosso, o da agitação estudantil dessa década em Coimbra e Lisboa, sobretudo. Quer isto dizer que pertencemos a uma geração que já não entrou "inocente" na Universidade. Por muito eficaz que fosse a censura instituída pelos poderes da época - e digo poderes no plural porque, para além da censura imposta à liberdade de expressão pelo então já velho Estado Novo, havia formas diversas de censura mais ou menos imposta por outros poderes, o da família, o da Igreja, o da moral dominante, isto para além de uma censura insidiosa e perversa que se exercia sem que disso tivéssemos a mais das vezes sequer consciência, a auto-censura; mas por muito eficaz que fosse a censura - e pontualmente já nem o era - e por muito longe que se estivesse ainda da parabólica aldeia global de hoje, o tal sopro dos dias tinha mudado com o eco distante desse "coq au vin" confuso que fora maio de 68, proclamando a urgência de fazer a "révolution essentielle", como se gritava num dos cartazes de então.

A Universidade tinha feito há pouco, na sequência das últimas reformas marcelistas, um esforço de abertura - ou um simples descanso na vigilância, como preferirem - e começava a ver-se invadida por vagas de estudantes de origem social diversa, galgando anualmente às centenas as suas portas. Mas mesmo assim a maioria de nós era ainda oriunda de setores sociais privilegiados, moldada por uma educação tradicional e tendo tido uma experiência de ensino secundário, nos liceus e colégios da época, regulada por uma rígida disciplina. "Sois jeune et tais-toi", outro dos cartazes de maio de 68, adequava-se à nossa situação. A Universidade aparecia, então, pelo menos para alguns de nós, com espírito mais rebelde ou curiosidade mais aguçada, como um espaço de liberdade, em relação ao qual as expectativas eram grandes, um espaço onde a contestação era possível ou a contestação possível era possível.

Não se torna necessário dizer que a Universidade que nos esperava, pelo menos em termos institucionais, respondia muito pouco a essas expectativas. Era uma instituição em crise, que se por um lado tinha consciência de que os tempos da mudança estavam eminentes e não conseguia já impermeabilizar-se relativamente a esse novo sopro dos dias, por outro encenava ainda o seu secular estatuto de sede hierática do saber.

Muitos, rapidamente, sentimos vontade de gritar com os nossos colegas franceses - "Fin de l'Université" -, sem que isso fosse incompatível com um certo prazer de a frequentar, de a sentir como espaço de convívio, de ter a sensação que era lá que as coisas aconteciam ou podiam acontecer - e aconteciam discussões, "meetings", invasões da polícia, R.G.A.s, debates ideológicos que separavam águas entre fascistas e revolucionários - é claro que só havia estes dois campos cultivados, no meio era o deserto do nosso desinteresse -, discussões que opunham revolucionários e mais revolucionários, mais revolucionários e mais, mais revolucionários, etc., etc. Recordo - e digo-o sem ironia, ou só com alguma - a brilhante e inteligente voz do "opinion maker" revolucionário, Pacheco Pereira, perorando para as massas da escada interior do velho edifício das Letras; recordo, em contraponto, um tal Sotto Mayor, líder assumido da dama do regime, que se recusaria, pouco depois, na manhã do 25 de abril, a cumprir ordens superiores de disparar de dentro de um tanque militar contra as forças revoltosas.

Este clima eferescente coexistia com o tom cinzento que a Universidade e algum do seu saber persistia em ter e com uma certa aura de luz que o curso de Filologia Românica, recém-nascido, conseguia emanar. É que, se ser recém-nascido é incómodo - tem-se dificuldade em encontrar ar para respirar e não se tem acesso à palavra -, permite por outro lado um estado de graça, onde experimentar, explorar, retirando prazer desses gestos, é possível. As dificuldades foram imensas: éramos os parentes pobres da província que chegam à cidade de mãos a abanar. Faltava tudo - livros, salas, cadeiras, professores - mas havia um empenhamento persistente de um corpo docente jovem, aberto à mudança e que, por diversas ocasiões, sentimos cúmplice dos estudantes. E quando falo em mudança, refiro-me muito concretamente à sua prática pedagógica, aos conteúdos programáticos escolhidos, ao tipo de relacionamento com os estudantes. Sentar-se à mesa de um café com os seus alunos, como alguns dos meus professores faziam (e lembro em especial os Professores José Adriano de Carvalho e Arnaldo Saraiva) ou entregar aos estudantes a responsabilidade de dar uma aula, como a Prof^a Maria de Lurdes Belchior fomentava, eram então comportamentos inovadores. Promover atividades culturais exteriores à prática letiva, fosse criar um grupo de declamadores ou fomentar encontros para falar de literatura contemporânea, como alguns professores fizeram, era coisa rara e geradora de incompreensões. (Recordo que foi assim que descobri a poesia de Eugénio de Andrade ou a ficção de Agustina Bessa-Luís.) Impedir a entrada da polícia na sua sala de aula, como fez o Prof. Joaquim Fonseca, era um gesto, no mínimo incómodo, mas eu testemunhei-o. Por tudo isto, nós, os de Românicas, sentíamos-nos diferentes. Aqui fica o meu obrigada, quase quarenta anos depois.

Repito: Era uma canseira ser estudante universitário naquela época! Havia tudo isto, o bom e o mau, e ambos nos motivavam à ação. Havia muitas flores nos cabelos, muita música no ar, muitos sonhos "hippies"

de paz e amor - houve até, em Vilar de Mouros, um Woodstock à portuguesa - mas havia, entretanto, o espectro longínquo e próximo da guerra colonial (e um chumbo podia significar o mergulho antecipado nessa nossa guerra que não era nossa), havia ainda o eco perturbante do Vietnã e a contestação pacifista da jovem América. Havia os ingredientes suficientes para fazermos nossa a célebre proclamação de maio de 68 - "Soyons réalistes: demandons l'impossible".

O impossível chegou um dia sob a forma de real com as flores que o tempo primaveril e os tempos pacifistas pediam. Em abril de 74, a Revolução deixou de ser para amanhã, passou a ser para hoje mesmo, de uma abstração projetada num vago futuro, passou a constituir algo a ser concretizado em cada dia que amanhecia. E a canseira aumentou! A Universidade não escapou ao turbilhão em que o sopro dos dias se transformou. E se antes, na Universidade, iam acontecendo coisas, agora, aconteciam a um ritmo torrencial, que mesmo os nossos vinte anos tinham dificuldade em acompanhar - aconteceu o estado de R.G.A. permanente, aconteceram saneamentos (entre nós, poucos, diga-se em abono da verdade), aconteceu a chegada de alguns, até aí afastados do ensino universitário (foi o caso do nosso Prof. Óscar Lopes), aconteceu a visita de grandes nomes da cultura, como Sartre e Simone de Beauvoir - esta última que eu tive a ousadia inconsciente ditada por um feminismo entusiasta de entrevistar - a falarem para centenas de estudantes sedentos, aconteceu a alteração dos "curricula", dos programas, do regime de gestão... Acontecia, acontecia, acontecia... E a este acontecer respondíamos com participação, participação, participação. Havia "bacalhau com todos" para todos... uma canseira, enfim! A Universidade, nesse final de ano letivo, teve muito menos aulas, é verdade - o meu italiano foi disso vítima e ficou para sempre débil -, mas não se deixou de aprender, aprendeu-se o improvável. Entre acertos e desacertos vários, a Universidade foi cumprindo a sua função educativa. Perdeu-se muito tempo, ganhou-se muito. E eu sinto-me bem colocada para dizer isto, uma vez que, nesse ano de 74, que valeu anos, fui discente e fui docente.

Este clima prolongou-se por algum tempo - tempo breve para uns, longo demais para outros -, tempo intenso em todo o caso, o tempo possível para as paixões. Só o fogo da paixão nos poderia animar ainda, poucos anos depois, quando militantemente carregámos centenas de cadeiras, arrecadadas no velho casarão do Campo Alegre para o então novo edifício das traseiras, a fim de que as aulas começassem o mais cedo possível. Perdemos tempo. Talvez. De um certo ponto de vista. Eu poderia ter feito o meu doutoramento uns dois ou três anos mais cedo, ter sido mais bem comportada. Certo. Teria perdido o novo sopro dos dias. Teria sido outra. Se calhar para bem de todos e mal meu. Ou o contrário. Fui realista: pedi o impossível!

Hoje? Hoje, continuamos na Universidade, irrealistas a pedir o possível.